

SIMPÓSIO AT165

O FEMINISMO E A CRÔNICA ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: CONTRIBUIÇÕES DE CARMEN DOLORES E PITY

SANTOS, Jaiane Beatriz Cavalcante dos
Universidade Federal de Alagoas UFAL - Pibic
jaianebeatrizjay@gmail.com

Resumo: Este trabalho, de caráter bibliográfico e qualitativo, fruto do projeto do PIBIC, *Navegando entre jornais, blogs e mulheres: contribuições femininas para a crônica*, sob orientação da Professora Dr. Karla Mendes, objetiva analisar duas crônicas que ponderam sobre o espaço do feminino na sociedade, escritas por duas mulheres em épocas e contextos distintos. Um desses textos foi publicado na coluna *A Semana*, do jornal *O Paiz*, em 04 de junho de 1905, de autoria de Carmen Dolores - um dos pseudônimos de Emília de Mello - escritora brasileira do século XIX. Essa crônica origina sagazes reflexões em relação à valorização/desvalorização da intelectualidade feminina que, naquele momento histórico, era desprezada. A outra crônica, *The F Word* (2016), disponível no blog *#Agoraéquesãoelas* - página criada na *Folha de S. Paulo* com o intuito de postar textos produzidos por diversas mulheres, acerca de acontecimentos corriqueiros sob o olhar feminista - foi redigida por Pitty, cantora e compositora contemporânea. *The F Word* aponta “caminhos” para a consolidação de uma definição do feminismo e se estabelece como uma voz de apoio às leitoras que ainda sentem medo de se afirmarem como militantes dessa causa. As duas crônicas, apesar do longo distanciamento temporal, tocam em uma temática essencial à contemporaneidade: o feminismo. O aporte teórico baseia-se em Virgínia Woolf (s/a), Simone de Beauvoir (1991), Hellmann (2015), Hollanda (2018) e Cândido (1992).

Palavras-chave: Crônica; Feminismo; Carmen Dolores; Pitty.

Resumen: Este trabajo, de carácter bibliográfico y cualitativo, fruto del proyecto del PIBIC, *Navegando entre periódicos, blogs y mujeres: contribuciones femeninas para la crónica*, bajo la orientación de la profesora doctora Karla Renata Mendes, objetiva analizar dos crônicas que ponderan sobre el espacio del femenino en la sociedad, escrita por dos mujeres en épocas y contextos distintos. Uno de esos textos fue publicado en la columna *A Semana*, del periódico *O Paiz*, en 04 de junio de 1905, de autoría de Carmen Dolores - un de los pseudónimos de Emília de Mello - escritora brasileña del siglo XIX. Esa crônica provoca sagazes reflexiones en relación a la valorización/desvalorización de la intelectualidad femenina que, en aquel momento histórico, era despreciada. La otra crônica, *The F word* (2016), disponible en el blog *#Agoraéquesãoelas* - sitio creado en la *Folha de S. Paulo* con el propósito de publicar

textos produzidos por diversas mulheres, acerca de acontecimentos cotidianos bajo de una mirada feminista - fue redactada por Pitty, cantante y compositora contemporánea. *The F Word* apunta “caminos” para consolidación de una definición del feminismo y se establece como una voz de apoyo a las lectoras que aún sienten miedo de se asumiren como militantes de esa causa. Las dos crónicas, a pesar del largo distanciamiento temporal, tocan en una temática esencial a la contemporaneidad: el feminismo. El aporte teórico se fundamenta en Virgínia Woolf (s/a), Simone de Beauvoir (1991), Hellmann (2015), Hollanda (2018) y Cândido (1992).

Palabras clave: Crónica; Feminismo; Carmen Dolores; Pitty.

Introdução

Insurgente entre tempos e vidas distintas, o feminismo caminha, tenazmente, conosco sob as feições das mulheres que, reconhecidamente ou não, semearam e semeiam vivências, cujas centelhas transformam/transformaram, através de longos processos de luta, as injustas engrenagens regulamentadoras de sociedades, fundamentalmente, machistas. Muitas dessas almas femininas encontraram espaço e escopo, para falar sobre temáticas adjacentes às diferentes e, em contrapartida, uníssonas inquietações feministas, no ato de escrever. Como legado dessa trajetória, contamos com repertório, de textos, vasto e intrigante; contempladores de inúmeros panoramas históricos e pessoais das faces dessa mobilização; compostos mediante as particularidades de escrita de cada autora.

Este artigo, de caráter bibliográfico e qualitativo, derivado do projeto (PIBIC) *Navegando entre jornais, blogs e mulheres: contribuições femininas para a crônica* e associado ao grupo de estudos *Descrição, análise linguística, literatura e textualidade - DALLT*, se presta a escutar, a partir da análise de dois textos escritos em contextos brasileiros opostos temporal, social e culturalmente, vozes de mulheres que atribuíram vida às reflexões germinadas e expandidas em cada linha e entrelinha do que, por traços específicos, constitui-se crônica. É inteligível, numa primeira leitura das crônicas em pauta,

a percepção do seguinte vínculo: as duas possuem como eixo temático os lugares do feminino no corpo social.

O feminismo, como evidenciado anteriormente, não é somente manifestação atual, pelo contrário, advém de tempos remotos. Isso ressalta a travessia realizada por este trabalho: de uma crônica, publicada na coluna *A Semana*, do jornal *O Paiz*, concebida no século XIX, especificamente, de 04 de junho de 1905, de autoria de Carmen Dolores - um dos pseudônimos de Emília de Mello - até o século XXI com o texto *The F Word* (2016), disponível no blog *#Agoraéquesãoelas* - página acoplada à *Folha de S. Paulo* - redigido pela cantora e compositora Pitty.

Este artigo se estabelece na seguinte estruturação: no tópico *Travessia*, disposto abaixo, “atravessaremos”, de forma breve, por entre o passado e o presente do feminismo e do gênero crônica, bem como percorreremos a transposição da crônica dos jornais impressos às páginas virtuais; no tópico seguinte, *A mulher em dois tempos: crônica e feminismo*, se assentará a análise das duas crônicas; por fim, as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas como base para elaboração deste trabalho.

1. Travessia

Para efetivação de uma travessia o tempo é preeminente. O cruzamento, que torna possível o encontro de uma crônica publicada no século XIX com outra escrita no século XXI, resulta de mudanças ocorridas nesse ínterim. A própria etimologia da palavra crônica, de origem grega *chronos* (tempo), preserva as raízes do fluxo temporal em sua significação. À medida que a crônica transmudou os cotidianos de múltiplas épocas, ocasionando a renovação destes a cada nova leitura, seja em que período fosse, fecundou, também, o presente que, dessa maneira, se arrastou perante os tempos. Afinal, como diz Cândido no famoso prefácio, *A vida ao rés-do-chão*, “(...) a crônica

está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas” (1992, p.14).

A crônica é gênero, essencialmente, despretenso em relação a prender-se em estruturas estáveis e rebuscamentos acadêmicos. Tendo sua trajetória demarcada nas páginas dos jornais, entre os tempos, foi adquirindo e se desfazendo de contornos que, pouco a pouco, possibilitaram a delimitação tênue de características integradoras desse gênero. A autoria predominante, nesses meios jornalísticos, - como infelizmente ainda prevalece na atualidade, embora com avanço considerável das mulheres nesse campo - é masculina. Carmen Dolores faz parte do rol de escritoras que, vez ou outra (raramente), - apesar do grande período que seu nome foi deixado submerso pela crítica literária - aparecem nas enormes listas de nomes masculinos. Afirmar isso nos permite reviver indagações antigas, similares às suscitadas por Virgínia Woolf no conhecido livro *Um teto todo seu* (s/a): onde estariam as mulheres na história da literatura? Por que não escreviam tanto quanto os homens? Estas são apenas amostras de uma extensa série de interrogações que movem discussões várias e que a Crítica Feminista se dedica a repensar, reconstruir.

Carmen Dolores foi e é um achado. Para além das qualidades de sua maneira de escrever que poderiam, aqui, ser listadas, ela, por si só, se evidencia como mulher, trazendo à tona ponderações e situações diversas relativas ao “ser mulher”, em um suporte onde os homens são assinaturas constantes. Com o avanço tecnológico e o advento e popularização da internet, os jornais adentraram, também, a virtualidade. O ciberespaço consolidou-se propício para participação, em variados aspectos, das mais díspares camadas sociais. “Essa troca de experiências em circuitos auto-organizados impulsiona a maior articulação de grupos historicamente excluídos” (COSTA in: HOLLANDA, 2018, p. 56). *The F Word* - uma das crônicas analisadas neste artigo - provém, justamente, de uma esfera virtual em que, essas trocas de experiências, refletem o dia a dia de milhares de mulheres diferentes, além de assuntos concernentes a esse universo, sob a égide dos olhares feministas. Isso, certamente, salienta-se como avanço no que tange à inserção feminina

nas zonas a elas, outrora, bem mais restritivas. No entanto, mesmo com todo progresso conquistado, ainda somos minoria nesses espaços.

#Agoraéquesãoelas - hashtag motivadora da criação do blog a que intitula - ecoa, continuamente, uma mistura de vozes de mulheres, não escritoras “profissionais” e, por vezes, desconhecidas que, sem perceberem, costuram crônicas diárias. A existência de um blog, como esse, notabiliza o que Cristiane Costa declara em seu artigo, componente do livro organizado por Hollanda: (...) “a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas” (2018, p.43).

2. A mulher em dois tempos: crônica e feminismo

A princípio, miremos uma “reunião de algumas senhoras inteligentes”, ponto de partida, igualmente, da referida crônica de Carmen Dolores. Acontecimento, em aparência, banal e datado, não obstante, pelo tratamento e olhar da cronista, transcendente às paredes meramente informativas. O cerne em torno do qual esse encontro girava era a suposta “sorte da mulher no Brasil”. Uma das senhoras presentes na ocasião, “mais lida e mais viajada”, firmava um confronto entre a efígie da mulher europeia *versus* a efígie da mulher brasileira. Enquanto no velho mundo a consciência social a respeito da mulher, com o cultivo do feminismo, se expandia, em solo brasileiro o sexo feminino ainda permanecia, altamente, condicionado ao poderio masculino. À referência dessa senhora, a crônica em foco se tece em procedimento defrontante dessas duas figuras femininas.

A mulher europeia, de fato, vive, trabalha, reina... É a verdadeira companheira do homem, de quem não aceita passivamente o esforço e o labor, como ente inferior e condenado a um acanhado papel de expectativa e submissão ininteligentes, mas ao qual auxilia, se é preciso, numa igualdade de forças combativas, partilhando lutas, penas, alegrias, tudo (CARMEN DOLORES, 1905, s/p).

A imagem imponente da mulher europeia, bem como o idioma francês atraíam a atenção da escritora que, com frequência, incluía expressões francesas em muitas de suas crônicas, tornando-se este um dos traços de sua escrita; fato explicativo da referência a nomes de mulheres francesas intelectuais no decorrer da crônica em estudo. Corajosa, Carmen Dolores contraria a opinião pública de sua época, transgredindo os pensamentos insuflados pela dominação forçada do homem branco. Regado de sarcasmo - outra marca de seu estilo -, o texto em apreço, indaga, ironicamente, às mulheres brasileiras acerca de similitudes entre a realidade das mulheres na Europa, em remissão à citação acima, e a vida das mulheres no Brasil: “Não é, todavia, o posto que sucede entre nós? Ai! Sim, sim, por mal dos nossos pecados, respondemos todas...” (CARMEN DOLORES, 1905, s/p)

The F Word, dotada de ousadia e atitude - marca da personalidade e, também, de composições outras da Pitty -, origina-se do medo, comum às mulheres, de empregarem a palavra com *F*, isto é, de se assumirem feministas. Por intermédio de uma escrita descontraída, de tom aproximativo, a autora estende as mãos para o coletivo feminino, em ato compreensivo à insegurança mencionada, e como convite seguro a romper os tabus que circundam esse termo, mesmo após décadas do seu surgimento. A própria autora revela rastros do que experienciou até conseguir afirmar-se feminista:

Eu queria ser a cool, a descolada, a que não reclama. Para agradar ao pensamento comum e me dissociar do estereótipo feminino que nada mais é do que construção social: ela é cheia de mimimi, ela curte uma DR, mulher é assim mesmo histérica. Elas são todas loucas. A acusação de vitimismo. Quantas vezes nos disseram isso desde pequenas? Crescer ouvindo essas coisas faz com que elas se entranhem em nós; e na tentativa de ser fortes e fugir desse lugar-comum acabamos renegando nossa voz e nossas necessidades. (PITTY, 2016, s/p)

Veiculado em um blog, o texto de Pitty reafirma a potência da rede no partilhamento e efetuação de “(...) uma estratégia feminista histórica, que se baseia na força agregadora do privado e das narrativas pessoais” (COSTA in: HOLLANDA,, 2018, p. 60). Já em Carmen Dolores, a escrita resvala, a todo

instante, sua transbordante ironia: “E o defeito vem de muito longe, dos nossos princípios, da nossa triste origem, da nossa primitiva subserviência colonial, da nossa tara escravocrata (...)”. Qual, de fato, é a verdadeira origem dessa sujeição feminina ao “macho alfa”? Perguntas como essa, assíduas na história humana, ganharam lucubrações importantes, no decurso do tempo, como as operadas por Simone de Beauvoir, em seu livro *O Segundo sexo* (1991):

Nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; êle é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um. Mas para que o Outro não se transforme no Um é preciso que se sujeite a esse ponto de vista alheio. De onde vem essa submissão na mulher? (p.12)

O texto, escrito por Pitty, difundido no *#agoraéquesãoelas* dissemina “caminhos” para formulação do conceito de feminismo, a fim de desmistificar toda a carga negativa outorgada a esse movimento: “(...) feminismo: ele é livre, plural, não tem cartilha, e está em constante construção”; “(...) feminismo é um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens.”; “o feminismo luta para que justamente você possa o que quiser em relação a seu corpo, suas relações afetivas, sociais e profissionais” (s/p). As duas crônicas são porta-vozes da realidade de milhões de mulheres, bem como de seus espíritos questionadores. A crônica composta por Carmen Dolores reverberou seus brados a longa distância; o texto, que Pitty criou, insere mais um elo a esse brado contínuo e poderoso. Ambas são parte de um repertório de vozes que não podem e não vão cessar.

Considerações finais

Das reminiscências da subjugação conferida às mulheres no século XIX, reflexionadas por Carmen Dolores, até o feminismo interseccional que se propõe a considerar as diferenças de cada história de vida das mulheres, com o qual Pitty se identifica em *The F Word*, reside longos caminhos temporais e

imprescindíveis mudanças sociais. Nesse entremeio, as almas femininas e feministas não só tiveram que lutar para conquistar seus merecidos lugares no mundo físico, como também nos espaços digitais. A crônica, assim como outros gêneros literários, foi e é via de reivindicar e externar toda indignação e luta. Ademais, ainda temos muito a percorrer.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COSTA, Cristiane. Rede. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 43-60.

HELLMANN, Risolete Maria. **Carmen Dolores, escritora e cronista: uma intelectual feminista da Belle Époque**. Tese de doutorado. Florianópolis, Sc: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

PITTY. The F Word. In: EVANGELISTA, Ana Carolina; MIKLOS, Manoela; OROFINO, Alessandra; PELLEGRINO, Antônia. **#Agoraéquesãoelas**. Disponível em: <https://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2016/03/10/the-f-word/> Acesso em 27 de maio de 2019.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, (s/a).